XVII Congresso Brasileiro de Sociologia
20 a 23 de Julho de 2015, Porto Alegre (RS)

Grupo de Trabalho: Mercados Ilícitos e Processos de Criminalização: desafios metodológicos

TERRITORIALIDADES E DINÂMICAS DE COMERCIALIZAÇÃO: COMPREENDENDO ALGUNS ASPECTOS DO MERCADO ILEGAL DAS DROGAS NA GRANDE GOIÂNIA

Guilherme Borges Da Silva
(guidhu@gmail.com)
Universidade Federal de Goiás - UFG

RESUMO

A proposta de trabalho visa apresentar alguns resultados da dissertação "Sujeitos do 33: um estudo sobre o mercado ilegal das drogas e homicídios na Grande Goiânia". Alguns dos principais achados mostram a existência de quatro dinâmicas especificas de comercialização em que o mercado ilegal das drogas na Grande Goiânia se constituiu. O primeiro deles, **produtor-fornecedor**, é por onde se inicia a dinâmica de comercialização das drogas e que, de acordo a distribuição, ganha outros arranjos. Assim, como segundo arranjo, o **tráfico organizado** segue uma dinâmica hierárquica, com distribuição de funções especificas de acordo com a venda da força de trabalho e com características corporativas de relações comerciais. O **tráfico associado**, por sua vez, configura relações entre o patrão-da-boca e os aviõazinhos as quais, mesmo comportando certo grau de mando e submissão, não possuem caráter empregatício e se dão em formas mais autônomas e pouco obrigatórias, cimentadas principalmente por acordos comerciais estabelecidos em torno da fidelidade da compra e venda das drogas. A quarta e última dinâmica, o **tráfico atomizado**, acontece por meio de relações horizontais que se dão nas redes sociais dos indivíduos e não caracteriza obrigação ou submissão com o fornecedor. Constatou-se, também, que o processo de territorialização por qual passam essas dinâmicas de comercialização estabelece conflitos que se dão mais pelo controle comercial do que pela tentativa do domínio físico de espaços na cidade, até mesmo pelo próprio movimento desse mercado ilícito que se distribui de maneira uniforme por quase toda a Grande Goiânia.

Palavras-Chave: Mercado ilegal das drogas, tráfico de drogas, criminalidade, violência.

INTRODUÇÃO

Estudar o mercado ilegal das drogas no Brasil não é nenhuma novidade. Desde os anos de 1970 começaram a surgir estudos e pesquisas em busca de compreender esse fenômeno social que é apontado como o responsável pelo crescimento e alastramento da criminalidade violenta nas cidades brasileiras. Estes estudos se concentraram em regiões economicamente centrais e de grande repercussão midiática, lugares onde foi possível identificar o domínio da comercialização de drogas por parte de grupos criminosos muito bem estruturados sobre parte de territórios dessas cidades, principalmente os "territórios de pobreza" (MACHADO DA SILVA, 2008).

As representações construídas a respeito do tráfico de drogas nessas cidades se disseminaram por todo tecido social brasileiro. Assim, a imagem do tráfico de drogas, divulgada pela mídia e partilhada pelo senso comum, concebeu este mercado como uma atividade criminosa bem organizada e de estrutura hierárquica altamente rígida e definida, em que a criminalização da mercadoria e os conflitos por territórios de venda e os acertos de dividas suscitaram o surgimento de outros meios que não os legais para regulamentar esse mercado, e o uso da violência seria o meio extremo, porém um dos mais recorrentes entre os sujeitos do tráfico.

Entretanto, é necessário compreender que a própria lógica que constitui a criminalidade urbana varia no tempo e no espaço. Em outras palavras, é preciso levar em consideração que o processo social do qual emergem os mercados ilícitos, no caso o tráfico de drogas, surge em momentos históricos distintos e a partir de contextos sociais específicos e, por conseguinte, ganham os seus contornos também particulares.

Apesar do tráfico de drogas não ser mais um fenômeno recente nas investigações das Ciências Sociais brasileira, buscar compreendê-lo na Grande Goiânia foi uma ação inédita, já que era uma incógnita ainda a ser elucidada. Em busca dessa empreitada, o caminho percorrido pela pesquisa teve por objetivo compreender a dinâmica de funcionamento do tráfico de drogas da Grande Goiânia e a relação dele com o crime violento, especialmente o homicídio. Dentro desse processo, procurou-se desmistificar construções hegemônicas realizadas pela mídia e que impera no imaginário social do que é o tráfico de drogas por aqui.

O recorte espacial empregado se limitou ao espaço geográfico que é conhecido como a Grande Goiânia, que é formada pela capital Goiânia mais as cidades que se conurbaram a ela: Aparecida de Goiânia, Senador Canedo, Trindade e Goianira. A opção pela escolha dessas 5 cidades, sendo que no total são 13 cidades que configuram a Região Metropolitana de Goiânia, deve-se ao fato de que apenas elas são altamente integradas.

Para dar conta dessa aventura científica, partiu-se da sociologia artesanal de Becker (1999) por acreditar que esse método de investigação possibilita ao sociólogo a liberdade de se relacionar mais profundamente com a pesquisa de campo, permitindo que o cientista negocie e renegocie com ele mesmo a cada nova imersão no objeto estudado. Mais ainda, o modelo artesanal coloca nas mãos do pesquisador a possibilidade para que ele mesmo produza as próprias teorias e os próprios métodos, pois é a relação de conhecimento dele com o objeto investigado que irá definir, a cada etapa, pelas diversas questões que se apresentam no desenvolvimento da pesquisa, que os resultados sejam os mais confiáveis possíveis.

Para se atingir a maior confiabilidade dos dados foi preciso então levantar o maior número de informações plausíveis. Em busca desse acervo teve-se que fazer uma verdadeira viagem ao universo de quem vende drogas, ouvir suas histórias, acompanhá-los em festas, bares, praças e, em alguns momentos, em idas a bocas de fumo. Rodou-se por essas cidades para encontrar os sujeitos da pesquisa, alguns em plena atividade nas ruas e outros encarcerados por conta da venda de drogas, e, dentre os sujeitos presos, alguns com a atividade interrompida e outros que, mesmo de dentro do presídio,

continuam comandando os seus negócios ilegais lá fora. Coletaram-se dados em prontuários de presos e inquéritos policiais, escutaram-se delegados e agentes da policia, foram realizadas leituras de jornais impressos e digitais, e buscaram-se dados e informações na Secretaria de Segurança Pública, delegacias e presídios.

Desde o início acreditou-se na impossibilidade de uma imersão pura como propõem as etnografias clássicas, pelo fato dessas terem como um de seus elementos centrais a participação do pesquisador no cotidiano dos nativos, comportando-se e compartilhando das mesmas experiências, aproximando-se da realidade a ser investigada.

Quando a ideia de imersão do pesquisador em objetos de práticas criminosas foi utilizada em estudos nas Ciências Sociais, colocaram-se problemas éticos irreversíveis. Afinal, ao participarem de tais atividades criminalizadas, os pesquisadores poderiam ser julgados e condenados pelas mesmas práticas como qualquer um de seus informantes, mas, acreditava-se que, assim, haveria maior aceitabilidade pelos sujeitos do grupo em questão.

Luic Wacquant, em seu livro *Carnal Sociology* (2004), ao pesquisar um grupo de boxeadores negros habitantes de um gueto norte americano, afirma que a melhor maneira de se chegar ao objeto é por meio de uma imersão iniciatória e, logo depois, uma conversão do pesquisador ao contexto e ao cotidiano dos sujeitos pesquisados para assim compreender as suas reais práticas. Pois isto, "permite que o sociólogo se aproprie na e pela prática dos esquemas cognitivos, estéticos e éticos que aqueles que habitam este cosmos executam nas suas ações cotidianas" (WACQUANT, 2004; p.8)

Contrariando essa perspectiva da imersão, Alba Zaluar (2009) coloca que as pesquisas que se enveredam em estudar comportamentos criminosos por meio da realidade dos atores que a constroem não podem se dar puramente pela observação participante, pois:

> Além de todos os problemas práticos e éticos aos quais a inserção na sociedade estudada pode levar, esta inclusão, em última análise, significaria negar o lugar do observador e, portanto, qualquer objetividade. Ficaria apenas a participação no binômio da observação participante. (ZALUAR,2009; p. 563)

Assim, a saída mais pertinente foi utilizar uma estratégia onde pudesse fazer o exercício de aproximar e distanciar do universo dos sujeitos atuantes no tráfico de drogas, até mesmo porque a passagem de um lado para o outro não é tão rigorosa quanto se imagina, pois são fronteiras tênues que separam esses "dois mundos". Assim,

seguindo os passos de Alba Zaluar (2009), optou-se por fazer uma “viagem propositada”. Esse modelo propõe que o cientista social:

> [...] como viajante procura conhecer previamente o seu campo e se prepara como pode para ele. Não que surpresas estejam suprimidas, mas "saber entrar" e "saber sair" são procedimentos fundamentais [...] [...] permanecendo outro e conhecendo o nativo para conhecer-se melhor na diferença. Participar e observar, ser de lá e estar cá, registrar lá e escrever cá [...] (ZALUAR, 2009; p. 566).

Foram as “viagens propositadas” no cotidiano dos sujeitos estudados que contribuíram para a criação de estratégias e, até mesmo, de uma malicia própria para atingir os fins almejados. Afinal, são muitos os problemas e dificuldades encontrados em campo, pois só de estudar grupos à margem da lei, que enfrentam perseguição policial e problemas com a justiça, diversos riscos e problemas surgem e que não estão dentro da previsão do pesquisador, porque a “arte de se relacionar e a criatividade em fazer as perguntas certas a pessoas certas não se aprende em textos acadêmicos, mas na experiência vivida” (ZALUAR, 2009; p. 568).

O MERCADO ILEGAL DAS DROGAS NA GRANDE GOIÂNIA

O mercado das drogas na Grande Goiânia se aproxima de um modelo de comércio que se estrutura num formato de rede que se inicia pelos grandes fornecedores e, a cada distribuição das drogas, ele se ramifica e enlarguece as relações comerciais e a dinâmica espacial, chegando até o mercado consumidor. Essa forma de distribuição ramificada das drogas amplia não apenas o próprio mercado, criando novos ganchos por onde as drogas irão percorrer, mas, também, multiplicam-se os atores e os tipos de interações para que essa droga saía da sua fonte e chegue até ao consumidor final.

A dinâmica do mercado das drogas agencia várias etapas de distribuição que não segue uma ordem padronizada, vai depender da posição dos atores dentro desse mercado e as estratégias que utilizam visando o lucro a ser obtido. Por exemplo, podem existir dois sujeitos distintos que comercializam os mesmos tipos e as mesmas quantidades de drogas, mas o primeiro deles busca a droga diretamente com o fornecedor fora do Brasil enquanto o segundo é o quarto na rede de distribuição e as drogas lhes são entregues em mãos. Essa dinâmica de abastecimento das drogas não se deve apenas à posição na rede de distribuição, na verdade há todo um processo de riscos e escolhas que estão em jogo. Por mais que buscar as drogas diretamente com o fornecedor aumente o lucro, a partir da compreensão de que não existiria o lucro obtido

a cada novo repasse, o risco de ser pego e as drogas apreendidas é grande e, portanto, o prejuízo seria bem maior.

O mercado das drogas movimenta relações com outros tipos de criminalidades e mercadorias. Se por um lado existe a própria movimentação das substâncias ilícitas, associa-se a elas também o tráfico de armas, os roubos de carros – principalmente para troca de drogas no Paraguai e Bolívia –, pequenos furtos e assaltos realizados por usuários, especialmente os usuários de crack, com o objetivo de trocar por drogas. Na outra ponta, movimenta-se também um mercado político onde está em negociação a proteção de pessoas associadas ao tráfico de drogas, seja por eles próprios se armando ou comprando a proteção ou a permissão de agentes estatais que vendem a sua força de trabalho de forma ilegal, ou, também, os próprios arregos, extorsões e roubos praticados por policiais contra os sujeitos envolvidos no tráfico (MISSE, 1999).

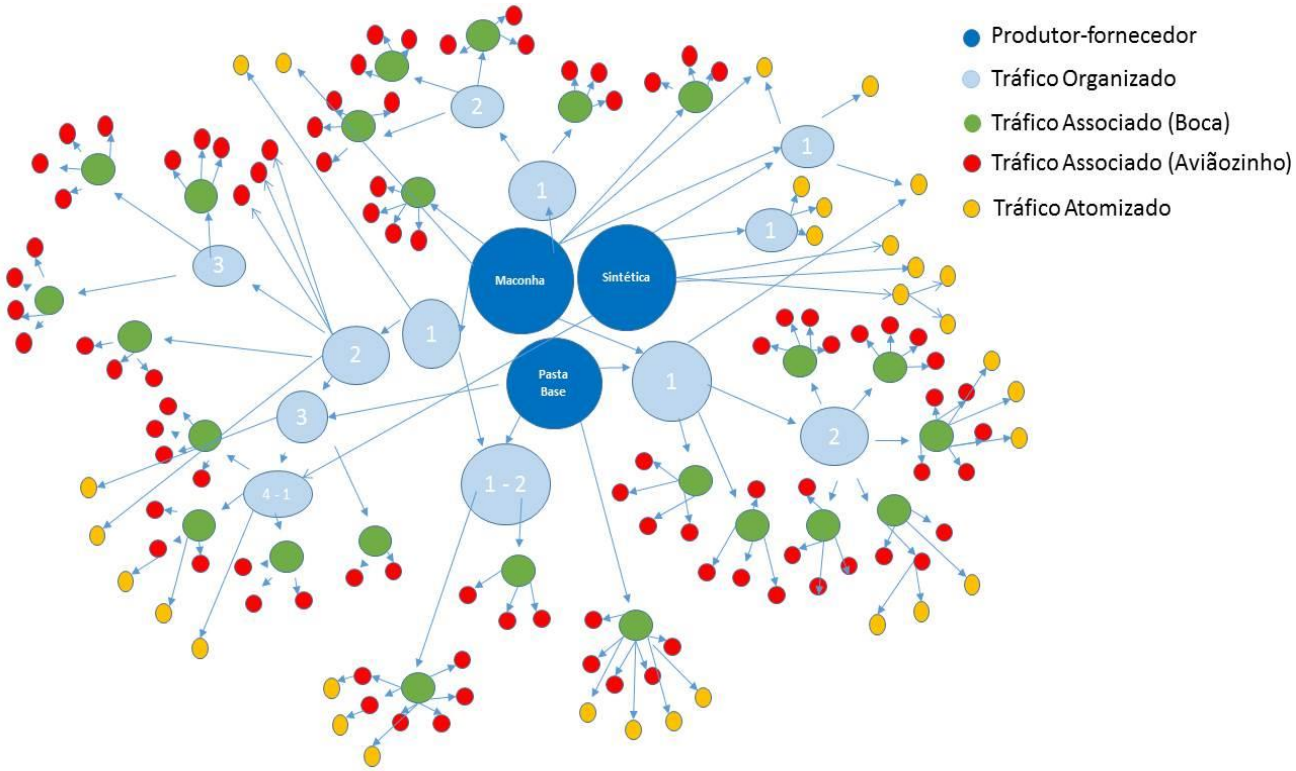
Nesses itinerários de drogas e dos sujeitos que é possível perceber semelhanças e diferenças nas dinâmicas de comercialização nas áreas mais e menos abastadas. Na ponta inicial de distribuição das drogas, o atacado, o percurso das distintas drogas acaba se assemelhando, as diferenças começam a serem evidenciadas com a distribuição das drogas que vai passando por uma diversidade de relações de compra e venda até chegar ao usuário da droga.

A comercialização das drogas constrói quatro tipos de estruturas diferentes e que se articula com a própria dinâmica do mercado das drogas. De um lado, na ponta de distribuição das drogas, o atacado, existe uma estrutura que denomino de ***produtor-fornecedor*** das drogas por onde começa esse mercado e que, na maioria das vezes, repassa as drogas para grupos que chamo de ***tráfico organizado*** e, com o processo de distribuição, que ramifica e dinamiza esse mercado, chegando ao varejo das drogas, ele ganha dois tipos de dinâmicas que chamo de ***tráfico associado*** – por meio da relação entre *dono-da-boca* e os *aviãozinhos* – e o ***tráfico atomizado***.

Essa cadeia de comercialização das drogas não segue padrões específicos, podendo existir arranjos diversos e que podem ser feitos e refeitos de acordo com históricos de sucesso e fracasso. Por exemplo, um sujeito que comanda uma boca ao invés de pegar as drogas de outros que estão acima dele na cadeia de comercialização decidiu buscar diretamente no *produtor-fornecedor* das drogas e, com isso, conseguiria a droga mais barata e, consequentemente, obteria maiores lucros. Ou também, pode ocorrer que o seu fornecedor tenha caído nas mãos da polícia e, por isso, teve que buscar outro grupo para lhe fornecer as mercadorias. Na figura 1, para modelo elucidativo, é possível perceber como os arranjos podem ser múltiplos e não seguem

modelos prontos, afinal depende dos interesses dos sujeitos e dos acontecimentos dentro do mercado das drogas.

Figura1 – Estruturas de comercialização do *mercado ramificado das drogas* na Grande Goiânia



Fonte: Pesquisa Sujeitos do 33: um estudo sobre o mercado ilegal das drogas e homicídios na Grande Goiânia

O *produtor-fornecedor* é a parte mais obscura na dinâmica de comercialização das drogas desse mercado, como ele ocorre para além do território nacional – Paraguai, Bolívia, Peru e Colômbia – acaba que a repressão fica a cargo da Polícia Federal nas fronteiras que, dificilmente, desbarata grupos inteiros. Por outro lado, sabe-se que funcionam como organizações bem estruturadas e que comandam grandes carteis do narcotráfico na América Latina.

Pensando nas estruturas presente do mercado das drogas da Grande Goiânia, o primeiro deles, o *tráfico organizado*[1], vai se articular, principalmente, por meio de relações verticais de caráter empregatício e que segue uma dinâmica hierárquica de modelo industrial que distribui funções específicas que estão de acordo com a venda da força de trabalho e que segue padrões corporativos de relações comerciais. Nesse núcleo fornecedor das drogas as funções são diversas e dependentes do tamanho das articulações por onde irão percorrer as comercializações dos entorpecentes.

[1] A definição dessa tipologia surgiu a partir dos materiais de pesquisa e uma releitura dos escritos de Ruggiero e South (1995) sobre dois modelos de organização e estrutura do trabalho criminoso.

Do outro lado, na sua forma varejo, o mercado das drogas vai se estruturar por meio de duas dinâmicas distintas. Primeiramente, o *tráfico associado* que se atribui a grupos, sobretudo nas periferias, mas não exclusivamente, que atuam em *bocas* e que, por sua vez, constrói verdadeiros exércitos formados por *aviãozinhos* por meio de relações verticais que, apesar de existir certo grau de mando e submissão nessas relações, não possuem caráter empregatício e, por isso, são relações mais autônomas e pouco obrigatórias que estão conexas principalmente por acordos comerciais estabelecidos em torno da fidelidade na compra e venda das drogas. Essas relações de mando e submissão, como serão analisadas mais adiante, mesmo que o pagamento quase sempre seja feito com drogas, se dão muito mais pelo fornecimento das substâncias ilícitas do que o respeito a uma hierárquica de subordinação que pouco existe. Como a relação comercial ocorre quase sempre de maneira fiada cria-se um vinculo entre as parte que se dá pelo fornecimento das mercadorias e das obrigações que esse tipo de relação comercial impõe às partes

A outra estrutura do varejo das drogas, o *tráfico atomizado*[2], ocorre por toda região da Grande da Goiânia e se estabelece por meio de relações horizontais, e na maioria das vezes os indivíduos irão agir isoladamente e de forma *freelance*, dependendo apenas de suas redes de contatos tanto para conseguirem as drogas quanto para revendê-las, não existindo nenhum tipo de obrigação ou submissão com o fornecedor.

Quadro 1 – Estruturas de comercialização do *mercado das drogas* da Grande Goiânia

	Produtor Fornecedor	**Tráfico Organizado**	**Tráfico Associado**	***Tráfico atomizado***
Tipos de atuação	Atacado	Atacado/Varejo	Varejo/Atacado	Varejo
Onde atuam	Fora do Brasil - Principalmente Colômbia, Peru, Bolívia e Paraguai.	Dentro do Brasil - Principalmente Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás.	Na Grande Goiânia, nos setores, bairros, quadras, pontos fixos e ruas.	Por toda cidade, não se territorializa.

[2] O tráfico atomizado se aproxima do modelo pulverizado que Carolina Grillo (2008) encontrou ao estudar o tráfico de drogas entre jovens de classe média do Rio de Janeiro, ela denominou essa estrutura como tráfico de pista na tentativa de fazer contraponto ao tráfico do morro. O modelo de tráfico atomizado se diferencia de grilo por ter sido encontrado tanto nas áreas nobres quanto nas áreas pobres da cidade.

Tipos de relações	Relações hierárquicas de caráter empregatício	Relações hierárquicas de caráter empregatício	Relações hierárquicas sem caráter empregatício	Relações horizontais e momentâneas com a própria rede social.
Tipos de atores e funções	São múltiplos atores que vão desempenhar funções a partir das habilidades técnicas	São múltiplos atores que vão desempenhar funções a partir das habilidades técnicas	*Patrões* e *aviãozinhos*, as funções são distribuídas a partir do fornecimento das drogas e das relações de confiança.	O indivíduo atua sozinho e desempenham todas as funções.
Consumidor	Podem vender para: o *tráfico organizado* o *tráfico associado* o *tráfico atomizado* e normalmente não vendem para os usuários	Podem vender para: o *tráfico associado* o *tráfico atomizado* para outros grupos do *tráfico organizado* e normalmente não vendem para os usuários	Podem vender para: o *tráfico atomizado* para outros grupos do *tráfico associado* e usuários	Podem vender para: outras pessoas do *tráfico atomizado* e usuários

Fonte: Pesquisa Sujeitos do 33: um estudo sobre o mercado ilegal das drogas e homicídios na Grande Goiânia

O PROCESSO DE TERRITORIALIZAÇÃO

A partir da compreensão de que o *produtor-fornecedor* não se territorializa dentro do *mercado ramificado das drogas* da Grande Goiânia, mesmo sendo essa estrutura que provê a ponta inicial de distribuição, a sua espacialidade e seu funcionamento ocorre fora do território nacional, em países fronteiriços ao Brasil. Portanto, a primeira dimensão a ser apreendida é em relação ao *tráfico organizado* e o *tráfico associado*.

Essas duas estruturas de tráfico são as mais evidenciadas no processo de territorialização quando se refere à dimensão espacial na Grande Goiânia. Como o *tráfico organizado* opera como uma central de distribuição das drogas e, muitas vezes, é liderada por alguém que cresceu a partir da ramificação das bocas, ela pode desenvolver um tipo de controle territorial que não é diretamente físico, mas comercial, sobre regiões, setores e bairros das cidades pesquisadas.

No processo do *tráfico associado*, descobriu-se que muitos *patrões de bocas* eram antes *aviãozinhos* de seus atuais fornecedores que, por sua vez, passaram a coordenar grupos de *tráfico organizado*. Antes de passar a atuar no atacado e de se tornar fornecedor, esse ex-*patrão* ajudou os seus antigos *aviãozinhos*, principalmente os de confiança, a montar pequenas bocas em regiões próximas onde a sua estava instalada e, com isso, aos poucos, ele vai deixando o varejo para atuar no atacado.

Como existe uma relação de lealdade entre o *patrão* e seus *aviãozinhos*, essa fidelidade continua depois dessas mudanças após o crescimento no tráfico e, portanto, o chefe do grupo do *tráfico organizado* fornece as drogas para essas bocas que estão normalmente localizadas em regiões próximas. Dessa forma, pode-se dizer que essa dinâmica possibilita que o mercado das drogas seja mais distributivo por todo território goiano, até porque em mesmas regiões das cidades existem outros fornecedores abastecendo outras bocas e essas, por sua vez, coexistem e não precisam disputar o controle territorial.

> Antes eu tinha boca, mas hoje ele lance de boca pra mim acabou. Hoje você eu pego é setor, hoje tem um monte de setor que eu entrego. (Homem, 30 anos)

A dinâmica que irá diferenciar é em relação ao *tráfico atomizado*. Por essa estrutura não se territorializar fisicamente, a espacialidade então são as redes de relacionamentos dos sujeitos que trabalham nessa dinâmica de comércio, por isso, pode-se dizer que é uma territorialização simbólica em que os espaços seguem as redes de relacionamento construídas ao longo do tempo e que pode ganhar, até mesmo, espaços físicos em festas, boates etc.

Além das estruturas construírem dinâmicas diferenciadas de comercialização das drogas, os tipos de substâncias ilícitas também irão caracterizar tipos de espacialidades diferentes, principalmente quando se trata da estrutura do *tráfico associado*. As diferenças ficam evidenciadas quando algumas bocas trabalham ou não com a venda do crack.

> P – Então, você disse que começou vendendo maconha, e existe diferença em vender maconha pro crack?
> R – Muita. Hoje a maconha, quem compra a maconha compra e leva direto pra casa. Agora a droga não, a pedra já é mais escancarada. Hoje o cara pega a pedra aqui e ele não consegue chegar no seu destino, se ele não parar e dar uma tragada, ele não consegue. Se ele pegar a pedra aqui ô, se ele virar a esquina aqui ele já para e coloca no cachimbinho. (Homem, 26 nos)

Um garoto que é *aviãozinho* disse que o que vai modificar a própria espacialidade da boca não é a droga em si, mas o próprio usuário.

> P – O que era mais notável de diferença?
> R – A maconha é o seguinte, você pega uma bucha e ai para, você não vai voltar pra pegar outra, vai ficar uns dias. Agora a mesma quantidade de pedra é no prazo de meia hora eu vendo ela, ai a rotatividade é maior. A lombra da pedra é uma coisa e a lombra da maconha é outra, a pedra te cria um alvoroço e a maconha te deixa calmo, sussa. Você não vai roubar pra fumar maconha de novo. A pedra não, você vai roubar. (Homem, 34 anos)

Além disso, o usuário de crack, segundo alguns entrevistados, para conseguir a drogas vai fazer pequenos roubos e furtos na região próxima à boca. A prática dessas outras atividades criminosas pode trazer problemas para esse usuário, principalmente quando a pessoa roubada ou furtada for cliente da boca.

A problemática do crack ganhou corpo nos últimos anos na Grande Goiânia com a constituição de algumas cracolândias que estão espalhadas por várias regiões. As cracolândias se formaram em regiões centralizadas perto de terminais de transporte coletivo e de rodoviárias, o que facilita, segundo os entrevistados, o roubo e furto de pequenos objetos. Portanto, a espacialidade nesse caso ocorreu não pelo tráfico, mas pela própria dinâmica dos usuários.

Nas cracolândias, segundo se constatou, a comercialização das drogas acontece quase sempre por meio de *aviãozinho*, alguns usuários da drogas também, e vendem as pedras para retirar a sua parte a ser consumida. O tráfico de crack também alterou as próprias relações comerciais de modo geral. Primeiramente, como já foi dito, a fissura e a necessidade de consumir transformou a temporalidade de compra das drogas, isto é, alterou o fluxo de venda.

Além disso, como segundo ponto, as cracolândias tornaram mais frágeis as relações de confiança entre *patrões* e *aviãozinhos*. Esse tipo de desconfiança se deve principalmente ao fato de que a dependência química de um *aviãozinho* pode bagunçar o dinheiro da droga caso ele a *derrame* e, isso, poderia provocar a quebra do vínculo entre as partes e, como foi dito, trazer consequências danosas para o *aviãozinho*, até mesmo, no caso mais extremo, o seu assassinato.

> P – Como é que vai crescendo?
> R – Ai você vai conhecendo outras pessoas, ai o tráfico, entendeu? Tem que ter muito cuidado, que é uma faca de dois gumes. Quando você começa a crescer o outro traficante já não quer, o concorrente já não quer.
> P – Como que elimina uma concorrência?
> R – Matando. (Homem, 30 anos)

Quando existe o processo de territorialização no mercado das drogas a concorrência e a busca pelo domínio de áreas de comércio se tornam cada vez mais frequentes, tanto em relação ao *tráfico organizado* quanto ao *tráfico associado*.

Um entrevistado, chefe de um grupo do *tráfico organizado*, disse que uma vez teve que dar fim a uma concorrência, mas a decisão nem partiu dele, na verdade disse que foi do próprio concorrente que o procurou para tirar satisfação, pois afirmou que o entrevistado estava roubando pontos de tráfico que pertencia a ele. Assim, segundo o

entrevistado, seria desaforo ser chamado de ladrão sem ter roubado, e, portanto, esse tipo de acusação não poderia ficar barato.

> P – Tem esses conflitos aqui assim de pontos, porque acaba sendo de região?
> R – Sempre tem. Então tipo assim a gente ganhava dinheiro demais e eles cresciam o olho, ai eles falava que a gente estava roubando os pontos deles ai foi onde aconteceu o fato. (Mulher, 20 anos)

Nos casos onde não ocorre o acordo acontece realmente uma disputa sangrenta pelo território, principalmente quando tem questões de honra envolvidas, como no caso acima mencionado. A honra ela é um importante componente para se entender a violência nesse mercado, tanto pelo ethos da masculinidade que se vincula aos homens do tráfico quanto ao aspecto cultural do mundo rural que se renova e ganha novos sentidos nas cidades goianas.

Outro caso de disputa de território foi exemplificado por outro chefe de um grupo do *tráfico organizado* que tinha por objetivo dominar o comércio de drogas em uma região de Goiânia e, com isso, se tornar o principal fornecedor de pasta-base.

> P – Ai no caso tem que derrubar os outros?
> R – Não precisa derrubar os outros se não tem boca. Agora se você falar que precisa derrubar o cara que comanda é diferente. Porque boca a gente não precisa destruir não, a gente invade e mata o cara que tiver lá.
> P – Você já tomou boca assim?
> R – Já, muitas vezes. O cara fala "não vou sair, eu vou dar um jeito", ai eu "não vei, você não tá tendo condição. Nós vai por nossa droga ai e se você quiser trabalhar com a gente, tudo bem. Se você tá com problema de abastecer, então você trabalha com nós". A gente chama o cara pra trabalhar, a gente chama a mulher pra trabalhar, mas se ela for ignorante, topetuda, a gente deita. Antes de deitar, porque matar não é solução, a gente não resolve os problema matando, a gente conversa dialogando, a gente resolve os problema dialogando, mas se a pessoa desacreditar, ai a gente tem que conferir. Mas a gente, eu mesmo não vou chegar e tomar aquela boca lá, por semana ela rende 30 mil, "poxa aquela boca tá rendendo 30 mil, quem tá comandando?" "é fulano" "poxa, lá tá rendendo 30 mil por semana, vou cair pra dentro dessa boca", ai a gente cai pra dentro, ai se o cara retrucar, mas antes de acontecer isso a gente conversa "ou, sua boca tá rendendo 30 mil, você sabe disso, você não tá dando conta de abastecer, então trabalha com nós, pega nossa droga" ai o cara "não, vou pegar porra nenhuma não, se eu quiser pegar eu pego a minha lá embaixo" "mas tem mais de mês que sua boca tá parada, o que que tá acontecendo? Vamos trabalhar com a gente? A gente não precisa de invadir assim, vamos conversar? Vamos ajeitar, se você der conta você continua", ai o cara paga com ignorância, uns não, uns fala "demoro, quero mesmo, não quero morrer, tenho amor pela minha família, melhor vocês pegar essa boca", ai a gente pega. Outros fala "não, só vou sair daqui só se for com a morte" "ah, só se for com ela? Então a gente vai ai levar pra você". (Homem, 30 anos)

Para controlar uma região ou setor não é necessário destruir as bocas, até mesmo porque elas são imprescindíveis para o bom funcionamento da comercialização das

drogas. O ideal, na perspectiva desse chefe do grupo de *tráfico organizado*, que os donos das bocas daquela região se tornem seus parceiros, isto é, que o grupo do *tráfico organizado* em questão seja o fornecedor das bocas invadidas. Para isso, segundo ele, procura fazer um acordo comercial pacífico de fornecimento de drogas para as bocas pretendidas.

Caso o *patrão* da boca não aceite o acordo comercial, medidas mais ofensivas serão utilizadas pelo grupo do *tráfico organizado* para que essas bocas se tornem suas parceiras. As disputas pelas regiões de comércio ocorrem também quando se invade o território de venda do outro, pode ser entre grupos de *tráfico organizado*, bocas e, até mesmo, *aviãozinhos*.

> P – E porque eles queriam te matar, você sabe?
> R – Por motivos de ponto, disputa de território.
> P – E aqui em Trindade tem muito isso?
> R – Tem. Aqui em Trindade é o que mais tem, te falo isso, é briga de território. Se o cara tiver vendendo demais ele vai lá na porta da sua casa vender a droga dele, não interessa se você vende ou não, ele tá vendendo a droga dele, ai onde um cismava "não, você tá vendendo droga na porta da minha casa", onde arma uma contenda ali e morte. (Homem, 21 anos)

As disputas existentes nesse mercado se da por pontos de venda, e não pelo domínio territorial do espaço. E essa disputa pelas áreas de comercialização não apenas constroem novos arranjos, mas também alavanca e aproxima o mercado das armas do mercado das drogas.

> P – E porque você andava armado?
> R – Eu comecei a andar armado mais por causa desse motivo de droga, os caras começou dar pressão, esse rapaz que morreu tava mandando matar muita gente. Ai foi onde que teve essas contendas, os próprios amigos meus que era amigos mandou me matar, e ai comecei a andar armado. Deixei até o tráfico por um tempo de lado e comecei a roubar.
> P – E porque eles queriam te matar, você sabe?
> R – Por motivos de ponto, disputa de território. (Homem, 21 anos)

Compreende-se que não há, portanto, um domínio sobre o território em sim, como se percebe em outras regiões do Brasil, em que grupos de tráfico irão subjugar os demais moradores dos bairros às suas regras. Pelo contrário, os grupos de tráfico de drogas na Grande Goiânia procuram não chamar atenção da vizinhança, pois percebem como uma estratégia de evitar que a polícia atrapalhe o negócio ilegal seja prendendo membros do grupo ou negociando mercadorias políticas.

A própria estratégia de evitar que a polícia atrapalhe os negócios dos grupos de tráficos na Grande Goiânia seria um dos fatores que evitaria a disputa pelo controle do território físico, mas nada que impede a tentativa de um controle comercial sobre espaços dessas cidades. Isso não quer dizer que não tenha a presença de conflitos e

violências. Afinal, sabe-se que a violência, o assassinato nos casos mais extremos, é uma das formas de regulamentação utilizada nos mercados criminalizados.

MERCADORIAS POLÍTICAS NO MERCADO DAS DROGAS NA GRANDE GOIÂNIA

No mercado ilegal das drogas não se encontra apenas drogas e armas, mas também abre-se um espaço para a produção de outro tipo de mercadoria que está relacionado diretamente com o emprego da violência, seja legitima ou não. Michel Misse (2002) afirma que é justamente nesse momento que ocorrem os agenciamentos políticos (corrupção, extorsão, repressão, proteção e violência, entre outros). Essa face política dentro do quadro de ilegalismos pode ser compreendida na produção daquilo que ele denominou de "mercadoria política", caracterizada pela existência de:

> [...] um mercado informal cujas trocas combinam especificamente dimensões políticas e dimensões econômicas, de tal modo que um recurso político seja metamorfoseado em valor econômico ou cálculo monetário. O preço das mercadorias (bens ou serviços) desse mercado, por ganhar a autonomia de uma negociação política, passa a depender não apenas das leis de mercado, mas de avaliações estratégicas de poder, de recurso potencial à violência e de equilíbrio de forças, isto é, de avaliações estritamente politicas. (MISSE, 2002, p.07)

Para Misse é preciso distinguir, dentre essas mercadorias políticas, as que se desenvolvem por mediações da expropriação de recursos do Estado por alguns de seus agentes (corrupção) daquelas que se desenvolvem sem mediação (máfia, crime organizado, etc).

> Se em ambos os casos, a força física (e suas extensões técnicas) é usada para fins econômicos privados, seja ela "roubada" do monopólio do Estado pelo funcionário, seja produzida por conta própria contra esse monopólio, ela igualmente se constitui numa "mercadoria política (MISSE, 2002, p.17)

E como as drogas é uma das mercadorias criminalizadas que pode proporcionar enormes ganhos esse mercado acaba agenciando maior número de pessoas para atuar nele. Se de um lado há indivíduos que irão trabalhar nas dinâmicas de comercialização do tráfico, do outro existem outras pessoas que irão vender algum tipo de mercadoria política a partir da expropriação de uma função pública que lhe foi investida.

Além dos grupos do *tráfico organizado* e do *tráfico associado* desenvolverem recursos políticos para resolução das adversidades no processo de territorialização e comercialização do mercado das drogas, encontrou-se também quando esses recursos são vendidos e comprados dos próprios agentes estatais.

> Eu pagava um policia para fazer cobranças em meu lugar, o retorno era quase sempre certo. Dava tão certo que teve um tempo que "adotei" um policial pra dar proteção pra mim e pro meu esquema e também fazia as cobranças. Eu pagava uns 4 mil todo mês, compensava, até porque o cara era farda preta (ROTAM), isso impõe respeito e o retorno é garantido. (Homem, 22 anos)

A primeira situação encontrada de expropriação da função de agente estatal foi por meio da prática de extorsão. A extorsão se apresentou de duas maneiras, a primeira quando um *patrão* de boca disse que contratou um policial da Ronda Ostensiva de Táticas Metropolitanas (ROTAM) para fazer serviços de cobranças. As práticas de cobranças tinham por função obrigar os endividados quitar as dívidas, e o uso da violência por parte do agente estatal, segundo o *patrão*, quase sempre resolvia os débitos. Quando essa prática não resolvia os problemas, outros recursos mais extremos eram utilizados.

A segunda prática de extorsão era realizada pelo agente estatal contra aqueles envolvidos no tráfico. A maioria dos entrevistados disse que quando são pegos em fragrante é bastante comum a prática de extorsão por parte dos agentes policiais.

> P – Você disse que teve muito conflito com a polícia, mas arrego já houve?
> R – Pagar pra eles?
> P – É.
> R – Demais da conta. É o que mais tem, a noite é o que mais tem. Durante o dia 40 viaturas no bairro, durante a noite, que paga propina, é 5 viatura no total. Então, ou seja, a noite eles quer o que? Dinheiro. Eles nem desce do carro e te pega você e já fala "tá armado?", ai falo "tô", ai "tem quanto pra passar pra nós?", já fala desse jeito. Antigamente eles pegava, prendia, dava aquela pressãozinha em você pra você falar, e ai depois rolava algo. Hoje não, hoje ele chega em você e fala "você tem quanto?" "tá armado?" "Tá com droga?", se você falar que não tem, ele vai falar "eu vou revistar, se eu achar vai ter arrego não, vai ter dinheiro não", ai já falo logo "tenho", ai ele "quanto você tem pra passar pra nós?" "aqui no bolso o que tenho é mil".
> P – Mas tinha valor por semana, um contrato, coisa assim?
> R – Não, esse trem eu não faço não, na minha biqueira não faço contrato com policial assim não. Esse lance de *pagar pau* pra policial, não, porque policia não tem segurança nenhuma. Polícia é uma ilusão, eles são mais corruptos que nós. Então esse negócio de pagar por semana, por mês, tem não. No dia que me pegar em flagrante eu pago. (Homem, 30 anos)

O mercado da corrupção é a outra face da mercadoria política que pode ocorrer pela extorsão, por meio do uso de ameaça ou violência, ou por meio de arrego, quando se compra o silêncio ou a permissão dos agentes policiais para não atrapalhar os esquemas de comercialização das drogas.

> P – E em relação a policia, em tentar fazer arrego ou te extorquir já teve?
> R – Você já conhece os plantão.
> P – O que é os plantão?

> P – Plantão é o seguinte, hoje é o soldado, amanhã é outro e depois é outro. Então tem certos plantões que não tem arrego, e outros tem. Ai no plantão daquele é o dia que você faz uma venda maior. Ai quando é o plantão dos que não aceita, ai é avisado que fecha o cinto ou hoje o cinto é mais frouxo. E tinha dia que o comandante falava "hoje deixa". Então tudo começa lá do quartel, lá de cima mesmo. Hoje vamos diminuir o tráfico, não, hoje nós vamos deixar quietinho.
> P – Você já pagou algum, já desembolsou?
> R – Já.
> P – Mas chegou a desembolsar quanto?
> R – Ah, 5 mil, 10 mil, 15 mil, 20 mil. (Homem, 34 anos)

Esses esquemas de arrego não acontece apenas na ponta ostensiva de combate nas ruas, mas há também o acerto de permissividade para que essas drogas entrem no mercado goiano. Uma líder de um grupo do *tráfico organizado* disse que era comum molhar as mãos de policiais do alto escalão para deixar as drogas passar livremente nas barreiras estaduais e federais.

> P – Mas já trabalhou com policial, fazendo serviço pra você?
> R – Não, não trabalho com polícia. Isso porque tô falando é no tráfico mais pequeno. Mas vamos falar do tráfico maior, quando tenho uma mercadoria lá em Anápolis, difícil de trazer, porque tem blitz, policia e tal, ai eu vou, não falo com soldado, eu chego num tenente, num capitão, maior do que ele e falo "o tô com uma mercadoria, eu tenho que buscar", a gente conversa, a gente dialoga "quanto que você vai cobrar? Não precisa ir lá pegar, é só abrir as estradas pra mim", dessa forma que trabalhava. Ai eu desembolsava 12 mil, 15 mil, mas falava "quero essa droga em tal lugar, se não chegar o culpado vai ser você, e eu vou cobrar de você". Ai sim é o tenente, o capitão que libera e abre a passagem pra nós. Quando eu trabalho com polícia é isso dai, quando peço pra abrir caminho pra mim. (Homem, 30 anos)

Quando as práticas de arrego e extorsão não ocorrem, mesmo que a pessoa acusada não esteja realmente portando drogas, além do abuso da violência, pode acontecer o implante de drogas no local da batida para dar o flagrante com o objetivo de se conseguir algum tipo de acerto, ou caso contrário, os agentes policiais detém o acusado.

> Eu vi ele tirando do bolso e enfiando dentro do armário do quarto do meu filho e fala "aqui a droga aqui", quatro grama de maconha, ai eles colocaram 600 miligramas de cocaína e acharam o crack lá no esgoto do vizinho lá embaixo 16 gramas e 600 miligramas ai eu fui presa, ai eu fui condenada com 30 dias peguei 6 anos e 8 meses pelo trafico ai estou aqui ate hoje. (Mulher, 35 anos)

Além das práticas de extorsão e arrego, segundo um *patrão de boca*, alguns agentes policias roubam as mercadorias ilícitas e as comercializam no mercado das drogas. Com isso, além de vender as mercadorias políticas, eles mesmo acabam comercializando drogas também.

> P – Quando você comprava dos caras lá, como que era? Comprava a vista ou já ficou devendo?

> R – Já fiquei devendo. Assim, porque eu ficava devendo essas pessoas porque eu comprava pouco. A maior parte que eu vendi na minha vida, que eu peguei de droga pesada, mas eu comprava era da policia mesmo, tá ligado? Então eu comprava deles, comprava de preço barato e eu tinha o tempo de vender. Uma vez eu ganhei um calote muito grande na droga, ai falei pros caras que eu tinha que receber, "deixa isso pra lá que isso vai dar BO", as vezes pra ele mesmo.
> P – Quem falou isso?
> R – A polícia.
> P – Ele também tem essa coisa de vender, né? Sai bem mais barato que outros fornecedores?
> R – Ah sim.
> P – E quanto sai mais barato?
> R – Ah, isso depende né? Sabe como é? Na maioria das vezes teve isso ai, eles apreende ela, recebe um acerto, solta os caras e ficam com as drogas, fica com tudo. (Homem, 34 anos)

Além dessas práticas, os agentes policiais são fundamentais no entendimento sobre a própria criminalidade violenta no *mercado ramificado das drogas* da Grande Goiânia. Diversas denúncias já foram feitas ao Ministério Público de Goiás afirmando a existência de grupos de extermínios que agem na capital e no interior com o objetivo de dar fim à vida de pessoas envolvidas com a criminalidade. Alguns casos apurados e reconhecidos como grupo de extermínio detectaram a presença, quase sempre, de agentes estatais na participação de homicídios. Um dos casos investigado pelo Ministério Público de Goiás e de grande repercussão culminou na Operação Sexto mandamento

As práticas violentas praticadas por grupos policiais seguiram igualmente os padrões da modernização da sociedade goiana. Se por um lado rompe-se com os aspectos simbólicos da sociedade tradicional, a nova estrutura que nasce em seu lugar tem por base a desigualdade. E as novas modalidades de violência, como aponta Dalva Borges Souza (2006), que tem caracterizado a vida nas cidades brasileiras, decorrente do agravamento dos problemas sociais e da injustiça social, tem se manifestado crescentemente em Goiás, como é o próprio tráfico e a sua tentativa de territorialização.

Ainda seguindo os escritos de Souza (2006), apesar da diminuição da violência impulsiva com a modernização da sociedade goiana, houve a permanência de um tipo específico de violência, denominada de expressiva. A violência expressiva seria o resultado de um tipo característico de sociabilidade em que há a valorização pessoal assentada sobre a força física, retomando a ideia da honra e do ethos da masculinidade.

E esse tipo de comportamento, como foi mencionado, pode ser percebido na própria estruturação de grupos de extermínios na Grande Goiânia, que, assim como na criminalidade comum, passa por mudanças ao longo do tempo. Dessa forma, esses grupos que surgiram a partir de "ações de vingança pessoal, de afirmação diante de

outras pessoas ou grupos, mas com o tempo passam a alugar os seus serviços a comerciantes ou a traficantes" (SOUZA, 2006, p.171).

Outro caso mais recente em que houve a apreensão de agentes estatais suspeitos de envolvimento em grupos de extermínio é possível verificar claramente essas mudanças, em que deixam de praticar esse tipo de comportamento violento por questões de honra à farda e começam a agir a partir da associação com o universo criminal, como no caso da Operação Resgate deflagrada pela polícia civil na cidade de Goianira.

Os casos de grupos de extermínio ou a venda de mercadorias políticas pelos agentes estatais, seja a serviço de traficantes ou criando empresas de segurança privada, mostram bem como o Estado desempenha uma posição central para o funcionamento do mercado ilegal das drogas. As informações apuradas pela Operação Resgate mostram que no caso investigado os agentes estatais participavam de três formas, a primeira delas é o desempenho da função que lhes são incumbidos por meio da segurança pública e do monopólio da violência física.

O problema que se deriva a partir da ocupação estatal e do uso legítimo da força é quando ela é negociada, isto é, se torna mercadoria política e é vendida de forma ilegal nesse novo mercado que se abre e, ao mesmo tempo, se associa a outros mercados. No caso em questão, a segunda função que esses agentes estatais desempenham, e de forma ilegal, é quando montam uma empresa de vigilância privada, e ainda por cima utilizam os equipamentos públicos para exercerem essas atividades no âmbito privado.

O terceiro papel desempenhado pelos agentes estatais é quando associam o mercado onde circulam as mercadorias políticas a outros mercados ilegais por meio da segurança de grupos de tráficos, arregos, extorsão e, até mesmo, o controle de atividades criminosas, como o próprio tráfico e roubos de carros.

É nesse contexto social que o *mercado ramificado das drogas* se enreda pela Grande Goiânia em que fluxos de dinheiro, de mercadorias, de produtos ilegais e ilícitos se entrelaçam nas dinâmicas cotidianas, sobretudo nas periferias. No caso do *tráfico organizado* e, principalmente, do *tráfico associado* as práticas podem apresentar contornos mais violentos, chegando até mesmo a execuções e extermínios de pessoas envolvidas.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BECKER, Howard S. *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Hucitec, 1999.

GRILLO, Carolina Christoph. *Fazendo o Doze na Pista: Um estudo de caso do mercado ilegal de drogas na classe média*. Rio de Janeiro, 2008. Dissertação de Mestrado em Sociologia e Antropologia – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio. *Vida sob cerco: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 2008.

MISSE, Michel. *Malandros, Marginais e Vagabundos & A Acumulação Social da Violência no Rio de Janeiro* [Tese de Doutorado]. IUPERJ, Rio de Janeiro,1999.

MISSE, M. O Rio como um bazar. A conversão da ilegalidade em mercadoria política. Insight Inteligência (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 5, n. 18, 2002.

RUGGIERO, Vicenzo, SOUTH, Nigel, Eurodrugs – *drug use, Market and trasfficking in Europe*, UCL Press, London, 1995.

SOUZA, Dalva Borges de. *Violência, poder e autoridade em Goiás*. Goiânia: Ed. da UFG, 2006.

ZALUAR, Alba. Pesquisando no perigo: etnografias voluntárias e não acidentais. *Mana*. Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, Oct. 2009

WACQUANT, Loïc**.** Body and soul: notebooks of an apprentice boxer. Oxford: Oxford University Press, 2004.